



Evaristo de Miranda

Engenheiro Agrônomo, tem mestrado e doutorado em ecologia pela Universidade de Montpellier (França). Com centenas de trabalhos publicados no Brasil e exterior, é autor de 45 livros, incluindo Tons de Verde (português, inglês e chinês). Pesquisador da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária desde 1980, participou e coordenou mais de 40 projetos de pesquisa e implantou e dirigiu três centros nacionais de pesquisa. Atualmente é chefe geral da Embrapa Territorial, em Campinas, SP.

Em junho, o campo invade a cidade

Se maio é mês das noivas, junho é tempo de casamentos na roça e Santo Antônio casamenteiro reina com todo esplendor. Ele abre o ciclo das festas juninas. Nesse tempo encantador, a tradição e a cultura rural invadem e inspiram as cidades.

As festividades juninas, na proximidade do solstício de inverno, estão associadas ao fim das colheitas, ao desfrute dos resultados do suado e árduo trabalho no campo. É tempo de aferir, conferir, pesar, contar, vender e armazenar. Apesar de grandes diferenças territoriais, num país imenso como o Brasil, até junho encerraram-se as colheitas de soja, milho, arroz, feijão, laranja, amendoim, algodão e outras. Mais de 270 milhões de toneladas de grãos e de 30 milhões de toneladas de tubérculos. E é tempo de colher pinhões da araucária no Sul e nas montanhas.

No Brasil, desde o século XVI, os evangelizadores jesuítas associaram às colheitas indígenas as festas joaninas do solstício de verão (na Europa). Eles adaptaram as festividades ao nosso solstício de inverno (o oposto da Europa). Com muita sabedoria. E deu certo. As festas juninas representam uma das mais expressivas manifestações culturais brasileiras, sobretudo no Nordeste. Nelas são festejados três grandes santos: Sto. Antônio (13 de junho), S. João (24 de junho) e S. Pedro (29 de junho). A intimidade das pessoas com esses santos é surpreendente. A ponto de serem chamados de compadres. E até arrumarem encrencas: “Com a filha de João, Antônio ia se casar, mas Pedro fugiu com a moça na hora de ir pro altar”.

13 de junho é dia Santo Antônio. Santo Antônio de Lisboa, também chamado Santo Antônio de Pádua, nasceu em 15 de agosto de 1195 em Lisboa (Portugal) e faleceu em Pádua (Itália) em 13 de junho de 1231. Morreu novinho, uns aninhos a mais do que Jesus. Seu nome de batismo era Fernando de Bulhões e Taveira Azevedo. Aos quinze anos entrou para um convento de Cônegos Regrantes de Santo Agostinho e, em 1220, com vinte e cinco anos, trocou o seu nome por Antônio e ingressou na Ordem dos Franciscanos. Era um pregador culto e apaixonado, com grande devoção aos pobres e hábil na conversão de heréticos. Lecionou teologia em várias

universidades europeias. Na Itália, São Francisco de Assis o chamava de “seu Bispo” por sua erudição. Foi cognominado “Martelo dos hereges”.

Em 1995, comemorou-se o 800.^o aniversário do seu nascimento com grandes celebrações em Lisboa. O convento da cidade de Ipojuca, Pernambuco, dedicado a esse santo lusitano, comemorou 400 anos em 13 de junho de 2006. É veneradíssimo no Brasil, principalmente como o santo dos amores e dos casamentos. Ele é o santo que abre o ciclo das festas juninas.

Na origem, as festas juninas são uma celebração católica, europeia, rural e tradicional do mês de junho, desde o século IV. Ao contrário do evocado por alguns, o catolicismo, herdeiro da tradição judaica, sempre celebrou os eventos cósmicos, associados ao seu calendário litúrgico. Não o fez para “apagar” práticas pagãs. A evangelização ressignificou essas práticas. Inicialmente eram chamadas de festas joaninas, dado o seu vínculo com São João, o único santo católico festejado no dia de seu nascimento e não de sua morte. Com o tempo viraram juninas e até julinas. Ainda mais agora neste calendário pós-covid e lockdown. Superadas tantas dificuldades, é tempo de festejar. Só o São João de Caruaru (PE) espera movimentar mais de 250 milhões de reais!

Nas festas juninas, a agricultura alcança o mundo urbano. O campo invade a cidade e nela planta arraiais e quermesses. O arraial junino é um espaço profano e sagrado. É como uma aldeia rural temporária, instalada ao lado da igreja e também de escolas e espaços públicos. Essa aldeia só existirá durante as festas. Ele é organizado com bandeirinhas, portais de bambu, flores do cipó de São João, mastro dos santos, barracas de comidas, bebidas juninas típicas, brincadeiras, jogos, danças juninas, músicas e muita diversão. O arraial pode tomar o nome de quem o organiza. As crianças urbanas se vestem de caipira ou de lavrador, usam chapéus de palha, botas e expressam um jeito estilizado de mostrar o homem da roça. Os pais pintam no rosto dos meninos traços de barba e bigode e sardas nas meninas e trançam seus cabelos. A quermesse tem até “igreja”, “padre” e “cadeia”, além de casamento na roça e dança da quadrilha. Nos arraiais, compadres e comadres unem-se em fraternidade acima do sangue, pelo batizado dos afilhados. Há algo de utópico, monárquico e milenarista no arraial. A etimologia latina evoca o a-regalis, relativo ao rei ou a dignidade real. Quermesse evoca a festa da igreja (kirck mess).

A base da culinária junina são as plantas nativas (milho, amendoim, batata doce...). Degusta-se milho verde, assado e cozido, pipoca, pamonha, curau, mungunzá, canjica, cuscuz, bolo de fubá etc. Tem lugar nas mesas a batata-doce, cozida ou assada nas brasas das fogueiras, o doce de batata-doce, o amendoim, doce e salgado, o pé de moleque e a paçoca. No Sul e em parte do Sudeste, o pinhão está presente nas festividades, com o vinho quente, o chocolate e o quentão.

Ao longo de junho, as fogueiras ajudam a lutar contra a aparente vitória da noite sobre o dia. Elas iluminam as trevas, esquentam amores e corações. E aquecem as noites frias. A fogueira

de cada santo tem um formato. A de Santo Antônio é quadrada (4) e feminina. A de São Pedro é triangular (3) e masculina. Já a de São João é heptagonal ou circular (7) e expressa a união dos contrários, do masculino e do feminino. Nessas fogueiras queimam-se coisas velhas. Deixa-se para trás o passado. Vira-se a página. As pessoas pulam as fogueiras, como ioiô e iaiá. Começam novos amores. Dançam em volta do fogo e do mastro de São João com as imagens dos três santos. Em algumas comunidades, homens e mulheres caminham descalços sobre as brasas. Soltam-se fogos para acordar São João. É tempo de purificação e coragem. A terra e os humanos recolhem energias e armazenam alimentos. E preparam-se para atravessar o inverno e semear na invencível primavera. O fogo da terra, tão frágil e tão humano, sobe aos céus em balões, cisos brilhantes de fogueiras e juntam-se às estrelas.

Viva São João!